

# CORRELACIONISMO E SUBJETALISMO DE MEILLASSOUX COMO CHAVE DE LEITURA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA FRANCESA<sup>1</sup>

## CORRELATIONISM AND SUBJECTALISM AS A KEY TO READING THE HISTORY OF FRENCH CONTEMPORARY PHILOSOPHY

Thiago Luiz de Sousa<sup>2</sup>

**Resumo:** A história da filosofia é marcada por eventos singulares que servem de base interpretativa para compreensão do pensamento de um grupo ou de uma época. Neste sentido, esse estudo trata de modos de classificação e tipologia da filosofia contemporânea, em particular da filosofia contemporânea francesa. Partindo das caracterizações já tomadas como canônicas, em especial a de *giro linguístico* (*linguistic turn*), apresentada por Michael Dummett em *Origins of analytical philosophy*, e a de *giro teológico* (*theological turn*), apresentada por Dominique Janicaud em *Phenomenology and the "theological turn": the French debate*, pretende-se interrogar em que medida os conceitos de correlacionismo (*corrélacionisme*) e subjetalismo (*subjectalisme*), apresentados por Quentin Meillassoux em *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence* e em *Interação, reiteração, repetição - Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido*, podem superar as lacunas daquelas. Com isso, almeja-se uma complementação do esboço feito por Alain Badiou sobre a história da filosofia contemporânea francesa em *A aventura da filosofia francesa no século XX*.

**Palavras-chave:** Correlacionismo. Subjetalismo. Quentin Meillassoux. História da filosofia contemporânea francesa.

**Abstract:** The history of philosophy is characterized by singular events that serve as an interpretative basis for understanding the thinking of a group or of an epoch. In this sense, this work concerns the modes of classification and typology of contemporary philosophy, in particular of contemporary French philosophy. Starting from the characterizations already taken as canonical, in particular the linguistic turn presented by Michael Dummett in *Origins of analytical philosophy*, and the theological turn presented by Dominique Janicaud in *Phenomenology and the "theological turn": the French debate*, we intend to question to what extent the concepts of correlationism (*corrélacionisme*) and subjectalism (*subjectalisme*), presented by Quentin Meillassoux in *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence* and in *Interação, reiteração, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido*, can overcome the deficiencies of the aforementioned ones. This is intended to complement Alain Badiou's sketch of the history of contemporary French philosophy in *A aventura da filosofia francesa no século XX*.

**Keywords:** Correlationism. Subjectalism. Quentin Meillassoux. History of Contemporary French Philosophy.

---

<sup>1</sup> Este artigo surgiu a partir das aulas de Daniel Oliveira Pucciarelli, a quem o dedico.

<sup>2</sup> Thiago Luiz de Sousa. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). thiago-luiz-sousa@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0001-6188-1954>

## I

A linguagem, como observam Jean-Pierre Cometti e Paul Ricoeur (2016), sempre ocupou um lugar de honra no pensamento dos grandes filósofos, desde os sofistas, que foram os primeiros a perceberem que a compreensão que o homem tem de si e do mundo se articula e se expressa na linguagem, até as grandes conjecturas e discussões sobre a origem das línguas no idealismo alemão. No entanto, as filosofias desenvolvidas contemporaneamente<sup>3</sup> destacam ainda mais seu papel, uma vez que colocam o problema da linguagem como palco principal no qual se resolveria qualquer problema filosófico, evento este que ficou conhecido como giro linguístico (*linguistic turn*). Deste ponto de vista, todas as questões filosóficas teriam como questão principal a linguagem, assim como observa Manfredo Araújo de Oliveira:

*A linguagem se tornou, em nosso século, a questão central da filosofia. O estímulo para sua consideração surgiu a partir de diferentes problemáticas: na teoria do conhecimento, a crítica transcendental da razão foi, por sua vez, submetida a uma crítica e se transformou em "crítica do sentido" enquanto crítica da linguagem; a lógica se confrontou com o problema das linguagens artificiais e com a análise das linguagens naturais; a antropologia vai considerar a linguagem um produto específico do ser humano e tematizar a correlação entre forma da linguagem e visão do mundo; a ética, questionada em relação a sua racionalidade, vai partir da distinção fundamental entre sentenças declarativas e sentenças normativas. Com razão se pode afirmar, com K.-O. Apel, que a linguagem se transformou em interesse comum de todas as escolas e disciplinas filosóficas da atualidade. (OLIVEIRA, 2006, p. 11, grifo nosso).*

Será que a linguagem seria a chave para a compreensão dos filósofos contemporâneos? Segundo Michael Dummett, em *Origins of Analytic Philosophy*, o giro linguístico seria a marca principal de uma tradição que poderia se chamar de *Filosofia Analítica* (DUMMETT, 1993, p. 4). Esta marca pode ser encontrada por Dummett em um comentário, feito por Frege, em uma correspondência para Russell, em que o filósofo alemão afirma: "[...] a decomposição de uma sentença corresponde aqui à decomposição de um pensamento<sup>4</sup>" (FREGE *apud* DUMMETT, 1993, p. 8). No entanto, como lamenta, com certa ironia, Michel Foucault em *Verdade e Subjetividade* (*HOWISON LECTURES*): "Deixem-me proclamar, de uma vez para sempre, que não

---

<sup>3</sup> Entende-se no presente artigo como contemporânea, as filosofias desenvolvidas no século XX.

<sup>4</sup> Tradução adaptada desse trabalho de: "to the decomposition of the sentence there corresponds a decomposition of the thought"

sou um estruturalista e confesso, com a devida mágoa, que não sou um filósofo analítico: ninguém é perfeito" (FOUCAULT, 1993, p. 206). Com isso, embora se possa dizer que a linguagem é importante para a filosofia contemporânea, não se pode afirmar que ela é a questão central de toda filosofia deste século (OLIVEIRA, 2006). Nem todos os filósofos, como diria Foucault (1993), são perfeitos, ou melhor, analíticos. Um exemplo disso, segundo Cometti e Ricoeur (2016), seria a filosofia husserliana, pois, embora Husserl se defronte com o problema da significação, a linguagem seria somente expressão de apreensão da realidade<sup>5</sup>, sendo o sujeito de intencionalidade e o objeto intencionado anteriores a ela<sup>6</sup>. Desta forma, para falar de *giro linguístico* em Husserl, ou em algum outro filósofo contemporâneo que não seja analítico, deve-se fazer uma análise análoga à de David Pellauer em *Ricoeur's Own Linguistic Turn*, onde se verifica como um autor não analítico (Ricoeur) se apropria de termos analíticos e os coloca ao seu próprio uso<sup>7</sup>. No caso ricoeuriano, o *giro linguístico* é interpretado como intermediário de uma *filosofia reflexiva*<sup>8</sup> e não como uma chave basilar, como é no caso dos analíticos.

Dada tal não aplicabilidade do *giro linguístico* como chave de compreensão para alguns autores contemporâneos, como Husserl ou Ricoeur, houve a necessidade de buscar novas chaves de compreensão para estes autores. Neste sentido, um trabalho a ser destacado é o de Dominique Janicaud, realizado na obra *Phenomenology and the "Theological Turn": The France Debate*, onde vê-se a busca teológica como chave interpretativa para alguns filósofos franceses contemporâneos, como Jean-Luc Marion, Jean-Louis Chrétien e Michel Henry. Tais autores, influenciados principalmente por Lévinas, introduzem na essência da fenomenologia um deus, ou melhor, eles vão de uma fenomenologia para a metafísica através da radicalidade de uma "expropriação" do sujeito pelo Outro (*Autre*). O *palco* em que todas as questões se encaminham no pensamento destes autores não é a linguagem, mas o Outro, pois, como afirma Lévinas:

<sup>5</sup> "[...] de um lado, a linguagem não é primeira, nem mesmo autônoma; ela é somente a expressão segunda de uma apreensão da realidade, articulada mais baixo do que ela; e no entanto, é sempre na linguagem que sua própria dependência ao que lhe precede vem se dizer" (COMETTI; RICOEUR, 2016, p. 16) (tradução adaptada).

<sup>6</sup> "[t]odo movimento das Investigações lógicas consiste em discernir, sob o sentido lógico e sua exigência de identidade e unicidade, a função significante da linguagem em geral e, sob esta função significante, ela mesma, uma forma intencional mais fundamental ainda, que é comum a todo vivido na medida em que é consciência de" (COMETTI; RICOEUR, 2016, p.16) (tradução adaptada).

<sup>7</sup> "Ricoeur se apropriou de certos termos chaves da tradição analítica e colocou-lhes para seu próprio uso" (PELLAUER, 2014, p. 116).

<sup>8</sup> "Primeiro, [o discurso filosófico ricoeuriano] é caracterizado pela reflexividade" (PELLAUER, 2014, p. 120) (tradução nossa).

Ser para o outro [*autrui*] é ser bom. [...] A transcendência como tal é "consciência moral". Consciência moral efetua-se metafísica, se metafísica consiste em transcender [...]. O fenômeno primário de significação coincide com a exterioridade. Exterioridade é um significado em si. E apenas o rosto é exterior em sua moralidade.<sup>9</sup> (LÉVINAS *apud* JANICAUD, 2000, p. 47).

A partir dessa chave levinasiana, Janicaud isenta alguns autores do cenário contemporâneo francês, como Sartre, Merleau-Ponty e, até mesmo, Ricoeur<sup>10</sup>. Na verdade, aqui está o grande problema das chaves de leitura da história da filosofia, embora elas sejam produtivas para seu propósito, que é o esclarecimento de determinado conjunto de pensamento, são demasiadamente restritivas. Com isso, a partir desta lacuna, pode-se apresentar o principal desafio do presente estudo: quais outras chaves de leitura poderiam ajudar na compreensão de mais autores que fazem parte da história da filosofia contemporânea francesa?

## II

Até aqui apresentamos duas chaves de compreensão para dois movimentos distintos identificados na história da filosofia contemporânea: o *giro linguístico*, para compreender os analíticos, o *giro teológico*, para compreender alguns pensadores franceses. A partir da análise das construções destas duas chaves, podemos afirmar dois pontos:

1. Ambas as chaves foram inferidas a partir de comentários de filósofos. O *giro linguístico* a partir de Frege; o *giro teológico* a partir de Lévinas.
2. A partir destas chaves foram traçadas histórias da filosofia.

---

<sup>9</sup> Tradução adaptada neste trabalho de: "To be for the other [*autrui*]-is to be good. [...] Transcendence as such is 'moral conscience'. Moral conscience accomplishes metaphysics, if metaphysics consists in transcending [...]. The primary phenomenon of signification coincides with exteriority. Exteriority is significance itself. And only the face is exterior in its morality".

<sup>10</sup> Embora Alain Badiou em *A aventura da filosofia francesa no século XX* afirme que "[...] mesmo admirando a força e a clareza das exegeses e construções de Ricoeur, já sabíamos que ele participava disso que Dominique Janicaud mais tarde irá chamar, em um livro severo, de "a guinada teológica da fenomenologia" (BADIOU, 2015, p. 69), não foi encontrado esta interpretação no próprio Janicaud. Como observa Olivier Mongin: "Se doravante é possível ler Ricoeur em melhores condições de apreensão, a situação permanece paradoxal: enquanto Dominique Janicaud se inquieta – fazendo eco à obra de Lévinas ou aos trabalhos de Jean-Luc Marion – com o que ele chama de 'virada teológica da fenomenologia francesa', ele excetua o caso de Ricoeur, que é cumprimentado por recusar-se a contribuir para a confusão de gêneros em nome de uma crítica da ontologia e do *logos* (MONGIN, 1996, p. 10, *grifo nosso*).

Por mais que sejam difíceis de identificar, aparentemente toda a história da filosofia e, conseqüentemente, todas as histórias da filosofia são construídas. Como afirma Badiou, ao comentar Bergson, "[...] um filósofo apenas desenvolve uma ideia<sup>11</sup>" (BADIOU, 2006, p. 3). Por isso, como comenta Deleuze e Guattari, os conceitos sempre são assinalados quando se fala de algum filósofo: "substância de Aristóteles, cogito de Descartes, mônada de Leibniz, condição de Kant, potencia de Schelling, duração de Bergson..." (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 16). Mesmo quando não se encontra um conceito, encontra-se uma ideia chave. Nas palavras de Deleuze e Guattari:

[...] alguns exigem uma palavra extraordinária, às vezes bárbara ou chocante que deve designá-los, ao passo que outros se contentam com uma palavra corrente muito comum, que se enchem de harmônicos tão longínquos que podem passar despercebidos a um ouvido não filosófico. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 16).

Sendo assim, uma coisa é certa: toda história da filosofia depende de uma ideia, ou seja, toda história da filosofia tem uma ideia interpretativa, uma chave de compreensão. Então, da mesma forma que se pode, a partir de uma chave de compreensão, apresentar uma história da filosofia, pode-se através de uma história da filosofia identificar uma chave de compreensão e esta será a estratégia desse trabalho para identificar uma chave de compreensão para os filósofos franceses contemporâneos não pertencentes ao movimento do *giro teológico*.

### III

No *prefácio* de sua obra *A aventura da filosofia francesa no século XX*, Alain Badiou apresenta alguns comentários sobre o que convém chamar de filosofia francesa contemporânea. Segundo Badiou, o movimento filosófico situado na França, que ocorreu a partir da segunda metade do século XX, pode ser comparado com o momento grego, com a filosofia grega clássica (Parmênides, Sócrates, Platão, Aristóteles), e com o momento alemão, com seu idealismo (Kant, Fichte, Schelling, Hegel), da história da filosofia. Além de destacar a relevância do pensamento contemporâneo francês, Badiou, com este comentário, indica a complexidade para se compreender tal movimento, uma vez que tem-se grandes obras em um só período.

---

<sup>11</sup> Tradução adaptada neste trabalho de: "[...] *qu'un philosophe ne développe jamais qu'une idée*" (BADIOU, 2006, p. 9).

Relembremos de alguns marcos históricos. O *ser e o nada*, obra fundamental de Sartre surge em 1943, e o último livro de Deleuze, *O que é filosofia?*, data de 1991. Entre Sartre e Deleuze, podemos, em todo caso, nomear Bachelard, Merleau-Ponty, Lévi-Strauss, Althusser, Lacan, Foucault, Lyotard, Derrida... Às margens desse conjunto fechado e abrindo-o até os dias de hoje, podemos citar Jean-Luc Nancy, Philippe Lacoue-Labarthe, Jacques Rancière, eu próprio... É essa lista de autores e de obras que chamo de "filosofia contemporânea francesa" e que constitui na minha opinião um momento filosófico novo, criador, singular e universal ao mesmo tempo. (BADIOU, 2006, p. 9).

Mas, qual seria a unidade deste movimento? Segundo Badiou, a filosofia francesa seria "[...] uma batalha em torno da noção de sujeito, que frequentemente toma a forma de uma controvérsia quanto à herança cartesiana" (BADIOU, 2006, p. 11), isto é, a chave de compreensão para a filosofia contemporânea seria a questão do sujeito. Para justificar sua resposta, Badiou apresenta uma rápida análise:

Muito rapidamente, dou algumas indicações: o sujeito como consciência intencional é uma noção crucial para Sartre e para Merleau-Ponty. Althusser, ao contrário, define a história como um processo sem sujeito e define o sujeito como categoria ideológica. Derrida, na descendência de Heidegger, considera o sujeito como uma categoria metafísica; Lacan cria um novo conceito de sujeito, cuja constituição é a divisão original, a clivagem; para Lyotard, o sujeito é o sujeito da enunciação, de tal modo que em última instância ele deve responder por ela diante da Lei; para Lardeau, o sujeito é isso acerca de que, ou de quem, pode ocorrer o afeto da piedade; para mim, não há sujeito senão de um processo de verdade, etc. (BADIOU, 2006, p. 10).

Pode-se dizer que foi encontrado aí a chave alvo desse trabalho? Por um lado, tem-se a constatação de uma questão que pode ser encontrada na maioria dos filósofos franceses contemporâneos, a questão do sujeito. Por outro lado, esta chave, do modo que aparece em Badiou, parece levar aos diferentes caminhos compreensivos, isto é, ao invés de encontrar uma chave onde estes diversos pensamentos se encontrariam e apresentariam certa semelhança, foi encontrada uma chave que assinala as diferenças destes pensamentos, permitindo que identifique-se múltiplas ideias de sujeito, como o sujeito sartriano, lacaniano, entre outros. O ponto que ao ser ressaltado neste estudo é que ao apresentar sua reflexão sobre a tradição contemporânea francesa, Badiou se atesta como pertencente a esta e não aponta a doutrina que está por detrás da questão que move seus contemporâneos e ele próprio, a saber, "[...] a doutrina de que mente e mundo, ou representação e realidade, não podem ser concebidos isoladamente um do

outro" (MEILLASSOUX, 2018, p. 12-13). O objetivo de Meillassoux, com estas palavras, não é a caracterização da filosofia contemporânea francesa em particular, mas sim um conjunto de filosofias que desde a modernidade trata a questão do mundo como indissociável da questão do sujeito. Neste sentido, a doutrina apontada por Meillassoux vai além do contexto francês, abrangendo, por exemplo, o idealismo alemão e as fenomenologias feitas fora da França. No entanto, é justamente esta abrangência que faz com que seu pensamento sirva de complemento ao de Badiou, uma vez que a questão do sujeito que une os franceses não é exclusiva a eles.

#### IV

Em *Interação, reiteração, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido*, Quentin Meillassoux, como aponta em uma nota, mesmo não justificando todas suas asserções rigorosamente, seu objetivo é apresentar conceitos que são capazes de pensar uma realidade independente do pensamento, em seus termos, desenvolver uma filosofia materialista especulativa (MEILLASSOUX, 2018, p. 12). Se do ponto de vista materialista especulativo, pode-se considerar tal trabalho de Meillassoux como um *work in progress*, do ponto de vista da história da filosofia, pode-se encontrar um diagnóstico histórico muito mais preciso do que, por exemplo, aquele apresentado por Badiou. Embora Meillassoux não tenha como alvo principal a compreensão da história da filosofia, seu texto apresenta algo análogo aos textos citados de Frege e Lévinas, uma noção que pode auxiliar na compreensão de certa tradição filosófica. Tal noção é denominada como *correlacionismo (corrélacionisme)*.

A precisão do diagnóstico feito no trabalho supracitado de Meillassoux é fruto de uma reflexão que se inicia em outra obra, publicada anos antes: *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence* (MEILLASSOUX, 2018, p. 14). Sendo assim, nossa identificação desta noção se dará em duas etapas: (a) através de uma breve reflexão sobre o esboço de *correlacionismo* em *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence*; e (b) através de uma análise da retomada desta noção em *Interação, reiteração, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido*.

(a) *O correlacionismo em Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence*

Assim é apresentado pela primeira vez na obra de Meillassoux a noção de *correlacionismo*:

Por "correlação" entende-se a ideia segundo a qual nós só temos acesso à correlação entre pensar e ser, e nunca para qualquer termo considerado separado do outro. Vamos daqui em diante chamar *correlacionismo* toda corrente de pensamento que mantém o caráter inseparável de uma correlação tão definida. Consequentemente, torna-se possível dizer que toda filosofia que nega o realismo ingênuo se torna uma variante do correlacionismo. (MEILLASSOUX, 2006, p. 18)<sup>12</sup>.

A tese principal que Meillassoux pretende defender em sua obra é a de que é possível pensar uma realidade independente do pensamento, ou seja, uma espécie de "realismo ingênuo". Diante disso, tem-se como "adversário" filosófico um pensamento que afirma o oposto, que provém dos "correlacionistas", como apresentado acima, que afirmam que não é possível pensar em nada além da dicotomia sujeito e objeto. Ou melhor, eles defendem um pensamento que consiste em desqualificar as possibilidades e desconsideram o realismo da subjetividade e da objetividade independente um do outro (MEILLASSOUX, 2006, p. 18-19). Mas, de onde vem esta impossibilidade? Segundo Meillassoux, esta impossibilidade está presente na história da filosofia antes mesmo de Kant, pois já se faz presente no pensamento de Berkeley. Desde Berkeley "[n]ós não podemos representar o 'em si' sem que isso se tornasse 'para nós', ou como Hegel coloca, "não podemos 'se aproximar' do objeto 'por detrás', a fim de descobrir que é em si"<sup>13</sup> (MEILLASSOUX, 2006, p. 17). Certamente, a noção de *correlacionismo* está bem próxima da *revolução copernicana* de Kant. Na verdade, a *revolução copernicana* é apenas um dos modos do *correlacionismo*, um modo "fraco", pois, no pensamento kantiano, por exemplo, por mais que não seja possível conhecer, pode-se pensar para além da correlação. No entanto, é na identificação de um segundo modo, o "forte", que foi possível reconhecer uma certa originalidade na noção de Meillassoux.

O modo correlacionista "forte", que, segundo Meillassoux, é aquele que parece vigente nos dias de hoje e, por isso, é o modo mais pertinente para nossa investigação,

---

<sup>12</sup> Tradução adaptada nesse trabalho de: "Par "corrélation" nous entendons l'idée suivant laquelle nous n'avons accès qu'à la corrélation de la pensée et de l'être, et jamais à l'un de ces termes pris isolément. Nous appellerons donc désormais *correlacionisme* tout courant de pensée qui soutiendra le caractère indépassable de la corrélation ainsi entendue. Dès lors, il devient possible de dire que tout philosophie qui ne se veut pas un réalisme naïf est devenue une variante du *corrélacionisme*".

<sup>13</sup> Tradução adaptadas nesse trabalho de: "Nous ne pouvons nous faire une représentation de l'en-soi sans qu'il devienne un 'pour-nous' ou, comme let dit plaisamment Hegel, nous ne pouvons 'surprendre' l'objet 'pardérrière", en sorte de savoir ce qu'il serait en lui-même".

afirma que além de não *conhecer* a coisa-em-si, não se pode nem sequer pensá-la (MEILLASSOUX, 2006). Dois autores são apresentados como exemplos deste modo de pensar, Heidegger, como representante da tradição fenomenológica, e Wittgenstein, como representante da tradição analítica. No caso da filosofia heideggeriana, com a introdução da noção de *Ereignis* temos a postulação de que nada nem no ser, nem no homem, pode ser posto como subsistente em si e, conseqüentemente, nada pode ser pensado além desta relação, pois, como afirma Heidegger, "[a] apropriação se apropria do homem e do Ser para sua essencial união<sup>14</sup>" (HEIDEGGER *apud* MEILLASSOUX, 2006, p. 23). No caso da filosofia de Wittgenstein, há uma afirmação similar à de Heidegger no *Tractatus*, quando o filósofo analítico afirma que "[e]xistem, de fato, coisas que não podem ser colocadas em palavras. Elas são o que é místico<sup>15</sup>" (WITTGENSTEIN *apud* MEILLASSOUX, 2006, p. 57), isto é, não é possível falar nada que vá além da correlação entre linguagem e mundo.

Meillassoux busca, com a noção de correlacionismo, afirmar o quanto o pensamento, desde a modernidade até a contemporaneidade, parte do pressuposto de que não se pode conhecer nada além daquilo que já está relacionado às pessoas. Com a distinção entre "fraco" e "forte", é possível ver um modo desta chave sendo aplicado na contemporaneidade, ou seja, nota-se uma noção que pode ser aplicada para compreensão tanto da modernidade quanto da nossa modernidade. E é rumo à contemporaneidade que ele caminhará ao retomar tal noção em seu artigo.

(b) *O correlacionismo em Interação, reiteração, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido.*

Assim é apresentada pela segunda vez a noção de *correlacionismo* na obra de Meillassoux: "O *Ereignis* é a conjunção essencial do homem e do ser, unidos por uma aparência mutua do ser dele próprio" (MEILLASSOUX, 2018, p. 14); como pode perceber, a definição de *correlacionismo* permanece. No entanto, agora esta noção é aprofundada na contemporaneidade e uma nova distinção é apontada:

De um lado, o correlacionismo, que sob a forma – notadamente – ascética, transcendental, fenomenológica ou pós-moderna, negou todo acesso do absoluto ao pensamento. E de outro lado, uma nova tendência metafísica, que nomearei a partir de agora, dada sua importância, de um segundo neologismo visando a especificar pelo

---

<sup>14</sup> Tradução adaptada nesse trabalho de: "*L'Ereignis est la conjonction essentielle de l'homme et de l'être, unis par une appartenance mutuelle de leur être propre*".

<sup>15</sup> Tradução adaptada nesse trabalho de: "*Il y assurément de l'indicible. Il se montre, c'est le Mystique*".

que ela é em profundidade: o subjetalismo ("subjectalisme"). O subjetalismo consiste sempre, para além de suas variantes não menos numerosas que àquelas do correlacionismo, em absolutizar a subjetividade ou certos traços seus, a fim de manter o antimaterialismo pós-berkeliano, sem renunciar ao propósito especulativo da filosofia. Por que esse termo "subjetalismo"? É que precisamos de um termo que permita englobar de uma só vez todas as formas de idealismo e todas as formas de vitalismo, e, assim, desafiar a aparente oposição dessas duas correntes, em particular no decorrer do século XX, para colocar, ao contrário, em valor seu essencial, aparentemente em uma convergência antimaterialista. (MEILLASSOUX, 2018, p. 18-19).

Não há mais influência do texto de Meillassoux pela distinção correlacionismo "fraco" e correlacionismo "forte", mas pela distinção correlacionismo e subjetalismo. Com isso, pode-se questionar: está diante de uma correção ou de uma complementação? Dada a permanência da definição, a resposta é clara: se está diante de uma complementação. O gérmen destas distinções ainda está na modernidade, sendo o principal propagador desta corrente Berkeley:

Berkeley então não "fundou" o correlacionismo, mas, como dissemos, "a era da Correlação": dando uma forma subjetalista ao argumento do "círculo correlacional". Foi Hume, a meu ver, que inaugurou a forma propriamente correlacionista – no caso, céptica – do "círculo correlacional": ele deduz o círculo, não mais que toda realidade é espírito, mas que nós não podemos mais nos extrair do campo das impressões e das ideias, a coisa em si não se torna irredutivelmente desconhecida. (MEILLASSOUX, 2018, p. 31).

A primeira classificação de correlacionismo, dada em *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence*, embora já apontasse para a contemporaneidade, abarcando autores como Heidegger e Wittgenstein, estava mais voltada para discussões com autores modernos como Hume e Kant, tanto é que dois capítulos desta obra são dedicados a estes autores. No entanto, isso fez com que esta noção não fosse tão clara para poder abarcar discussões contemporâneas como a do vitalismo, uma vez que esta parece se opor tanto às correntes presentes no correlacionismo "fraco", como o kantiano, quanto a do correlacionismo "forte", como a da fenomenologia, representada por Heidegger e a da filosofia analítica, representada por Wittgenstein. Ou seja, para o autor discutido nesse trabalho, era necessária uma noção que explicasse autores contemporâneos franceses, como Bergson e Deleuze (MEILLASSOUX, 2018). Tal

noção, como é visto na citação acima, nomeia-se de *subjetalismo*. Diante disso, uma questão deve ser colocada: o *subjetalismo* não seria um modo do *correlacionismo*?

O subjetalismo é o pensamento que absolutiza a subjetividade, ou certos traços dela. Neste sentido, segundo Meillassoux e Bergson, em *A Evolução Criadora*<sup>16</sup>, absolutiza a liberdade e, Deleuze, em *Diferença e Repetição*, absolutiza o eu em seu gérmen inicial (MEILLASSOUX, 2018). Neste ponto pode-se encontrar uma semelhança e uma diferença entre subjetalismo e correlacionismo: a semelhança é que ambos são antimaterialista, a diferença está na maneira com que eles lidam com a maneira de absolutizar o pensamento. Meillassoux indica uma importante distinção, entre absoluto e absolutório. Enquanto o pensamento absoluto se apoia em um ente claro, seja ele, um ser, Deus, Absoluto, entre outros, o absolutório é um absoluto não absolutista, que não assume uma forma de ser ou um modo de ser necessário, mas da contingência de modo de ser, "[...] sustentando que não há nenhuma razão para que as coisas sejam assim e não de outra forma" (MEILLASSOUX, 2018, p. 17). O subjetalismo é uma espécie de pensamento absolutório, então, é possível afirmar o seguinte: o subjetalismo é um modo de correlacionismo, porém sua absolutização se dá de maneira diferente, de um modo absolutório, e está presente em autores como Bergson e Deleuze, importantes nomes da história da filosofia contemporânea.

---

<sup>16</sup> Diferentemente do que acontece em *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence*, onde as citações que justificam suas asserções são feitas de maneira direta, em *Interação, reiteração, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido* elas são feitas de maneira indireta. Precebe-se que está mudança seja apenas de estilo, uma vez que o primeiro foi pensado como livro e o segundo como conferência. Tanto é, que as citações diretas, tanto de Bergson, quanto de Deleuze, que corroboram com sua argumentação aparecem nas notas e, assim como Meillassoux, conforme citado na presente nota: Sobre Bergson: “O que mais faltou à filosofia foi a precisão. Os sistemas filosóficos não são talhados na medida da realidade em que vivemos. São largos demais para ela. Examinem um dentre eles, convenientemente escolhido: verão que se aplicaria com igual propriedade a um mundo no qual não houvesse plantas nem animais, mas apenas homens; no qual os homens deixariam de beber e de comer; no qual não dormiriam, não sonhariam nem divagariam; no qual nasceriam decrépitos para terminar bebês; no qual tudo iria a contrapelo e estaria às avessas” (MEILLASSOUX, 2018, p. 40). Sobre Deleuze: “Mas, se as conexões nervosas e as integrações cerebrais supõem uma força-cérebro como faculdade de sentir coexistente aos tecidos, é verossímil supor também uma faculdade de sentir que coexiste com os tecidos embrionários, e que se apresenta na Espécie como cérebro coletivo; ou com os tecidos vegetais nas ‘pequenas espécies’. Não só as afinidades químicas, como as causalidades físicas remetem elas mesmas a forcas primárias capazes de conservar suas longas cadeias, contraindo os elementos e fazendo-os ressoar: a menor causalidade permanece ininteligível sem esta instância subjetiva. Nem todo organismo é cerebrado, e nem toda vida é orgânica, mas há em toda a parte forcas que constituem microcérebros, ou uma vida inorgânica das coisas” (DELEUZE *apud* MEILLASSOUX, 2018, p. 21).

V

Pode-se retomar a questão que motivou toda esta breve reflexão, qual será a chave de compreensão para história contemporânea da filosofia francesa? Como esboço para uma resposta e como uma certa aposta, será descrito dois casos:

1. A noção de correlacionismo, principalmente ao ser desenvolvida em seu modo subjetalista, embora não seja sua vocação principal, parece ser capaz de compreender como o sujeito se faz central em filosofias que se colocam em um primeiro momento contra filosofias do sujeito. Assim, o correlacionismo parece explicar muito bem a história da filosofia traçada por Badiou em *A aventura da filosofia francesa no século XX*.
2. No entanto, se por um lado, em *Interação, reiteração, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido*, dois grandes autores franceses são citados, Bergson e Deleuze, onde o correlacionismo pode ser pensado como chave de compreensão análoga ao *giro linguístico*, desenvolvida por Dummett, e ao *giro teológico*, desenvolvida por Janicaud. Por outro lado, na raiz do correlacionismo, a intenção de abarcar todos esses "giros" e subsumi-los sob si, mostrando o quanto essas filosofias, embora possuam diversas máscaras, são a mesma coisa.

Temos, assim, um duplo caminho que se abre após a breve reflexão discutida neste trabalho. Primeiro, pode-se pensar o correlacionismo no sentido traçado por Meillassoux, como aquelas filosofias que não pensam além da correlação; com isso, teria-se uma fortuna crítica para almejar um *realismo especulativo*. Porém, pode-se ver uma via alternativa, através da história da filosofia, e utilizar toda esta análise de Meillassoux como chave de leitura que explicaria como o sujeito se faz o alvo central na filosofia francesa contemporânea, como foi indicada por Badiou, principalmente naqueles pensamentos em que isso não fica tão claro, como Bergson, Deleuze e o próprio Badiou, que não são absolutistas, mas são, através de seus subjetalismos, absolutórios.

## Referências

BADIOU, Alain. Preface. In. MEILLASSOUX, Quentin. *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence*. Paris: Editions du Seuil, 2006. p. 9-11.

- \_\_\_\_\_. *A aventura da filosofia francesa no século XX; acrescido de Heróis do panteão: Lacan e Derrida*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 222 p.
- COMETTI, Jean-Pierre; RICOEUR, Paul. *Philosophies du langage*. Encyclopedia Universalis. 2016. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/philosophies-du-langage/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 279 p.
- DUMMETT, Michael A. E. *Origins of analytical philosophy*. Cambridge: Harvard University Press, 1993. 199 p.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). *Revista de Comunicação e Linguagem*. 19p. 203-223. Disponível em: <[http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault\\_verdade\\_subjetividade.pdf](http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault_verdade_subjetividade.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- JANICAUD, Dominique. et al. *Phenomenology and the "theological turn": the French debate*. Tradução: Bernard G. Prusak. New York: Fordham University Press, 2000. 245 p.
- MEILLASSOUX, Quentin. *Après La Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence*. Paris: Editions du Seuil, 2006. 179 p.
- \_\_\_\_\_. Interação, reiteração, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido. Tradução: Ciro Lubliner. *DOSSIÊ*, Vol. 21, N. 2, p. 12-93, 2018. Disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/20491](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/20491)>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- MONGIN, Olivier. Nota Editorial. In. RICOEUR, Paul. *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia*. Tradução: Marcelo Perini e Nicolás Nymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996. p. 7-10.
- OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006. 427 p.
- PELLAUER, David. Ricœur's Own Linguistic Turn. *Ricœur Studies*, Vol. 5, N. 1, p. 115-124, 2014. Disponível em: <<https://ricoeur.pitt.edu/ojs/index.php/ricoeur/article/view/217>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

Recebido em: 01/10/2019  
Aprovado em: 13/11/2019